

A
baleia
noturna
DO



MEU
sertão

EMERSON SARMENTO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Pauline Guimarães, Alexandre Machado e Arthur Valença

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S246b SARMENTO, Emerson.

A baleia noturna do meu serão / Emerson Sarmento – Guaratinguetá,
SP: Penalux, 2019.

106 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-591-1

1. Teatro I. Título.

CDD B869.2

Índice sistemático:

1. Dramaturgia brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Um mosaico de contradições no sertão

Em *A Baleia Noturna do Meu Sertão*, Emerson Sarmiento cria pontes entre opostos em sua obra: a simplicidade do narrador dramático de uma peça liga-se à complexidade narrativa de uma trama policialesca; a ingenuidade supersticiosa de personagens do povo, à sabedoria coletiva que supera a dedução individual; o imaginário místico e mítico do sertão às mazelas políticas e sociais do Brasil.

A obra toma como base uma lenda sertaneja segundo a qual um maremoto teria levado uma baleia até o sertão do Pajeú, no interior de Pernambuco. A igreja central do vilarejo de São José do Egito, a terra da poesia, teria sido construída sobre o corpo da baleia, que se debate todas as noites após a última missa de cada dia. Quando o rumor de que alguém estaria arquitetando um roubo à paróquia, todos temem que uma antiga profecia se cumpra e toda a região seja submersa.

No entanto, proporcionando o diálogo entre dimensões, díspares, Sarmiento não se fia apenas a essa característica mítica e folclórica, introduzindo aos poucos elementos mais modernos para interligar sua trama às questões prementes do Brasil contemporâneo. Logo os escândalos políticos, a corrupção endêmica e a ganância dos personagens também se

mostram forças atuantes na narrativa, tão relevantes quanto a fé (ou falta dela), a cultura e a hierarquia social do sertão.

Por meio de diálogos rápidos e bem-humorados, mas também de um enredo elaborado que desnuda a própria complexidade a conta-gotas, Sarmiento nos oferece uma visão singular do que se convencionou chamar de sertão, mas que é algo inapreensível por rótulos — essa alma áspera do interior de um país que não se deixa domar pelas instituições.

Como a obra mantém as marcas de seu tempo, embora trate de um cenário quase atemporal, a ambiguidade entre a abstração cartesiana das explicações racionais de um mundo cientificista como o nosso opõe-se à superstição dos mitos, da sabedoria popular e de um mundo lúdico que se perde de forma cada vez mais permanente com o avanço do progresso.

É no vão entre esses universos que Sarmiento costura sua dramaturgia, tentando negociar o sagrado e o profano, a comédia e o drama, a razão e a credice, o urbano e o sertanejo, a inocência e a malícia, enfim, uma conciliação inesperada de contrastes irreconciliáveis, compondo assim o mosaico de contradições do Brasil no microcosmo de um vilarejo.

ANDRÉ CÁCERES, *escritor e jornalista*

Prólogo

Numa toca, em nosso chão, vivia o poeta. Primeiro ele aprendeu sobre música e voz e som. Agora, desbravando o terreno da peça de teatro, Emerson Sarmiento traz em sua Baleia Noturna um constante ecoar dos ritmos da fala de um Nordeste atemporal em que cada personagem tem vida própria e quase que invade os ouvidos de que lê. Não é tarefa fácil construir personagens que tenham carne e osso, que pareçam ser algo mais do que texto escrito. Mas era o verbo no começo, e quem tem voz, tem alma e vida. O esforço de escrever uma peça de teatro em meio a todas as dificuldades criativas de um Recife pós-moderno de fato não poderia ser empreendido por ninguém que não tivesse primeiro tomado posse dos barulhos de voz, pronúncia e poesia que sempre deram o tom e alma do Nordeste inteiro.

A obra, ao mesmo tempo que brinda a todos com vozes boas a serem saboreadas, se aproxima ao leitor com sua composição de não-ditos e de lugares que são deixados para ser completos pela mente de cada um. É nesse mosaico de sons e silêncios — nessa mistura de voz e mudez — que se desenha a rusticidade sutil do tracejado da baleia num sertão que ainda não pode ser mar.

Seca é a terra. E ainda assim tem a seiva rala, porém eterna, que poderá ser revisitada sempre que um fruto da terra, junto a esse chão, sentar pra contar uma história ou um verso — ou mesmo pra ficar calado.

ARTHUR VALENÇA, *escritor*



Personagens

MARIA VALÉRIA

PE. ROMEU

HEITOR JOSÉ

SILVIA ROSA

LUIZINHO DO HUMAITÁ

SEU NOEL

JUQUINHA SANTOS

JOÃO DE CRUZ

VANDO

JANUÁRIO MORAES

JULINHO RAPOSA

CORO – FOFOQUEIROS

Figurantes

DOIS AGENTES

POVO

COROINHAS

TRANSEUNTE



Primeiro ato

Na paróquia da igreja central de São José do Egito com um diálogo inicial entre Silvia Rosa e Padre Romeu.

SILVIA ROSA – Sua bença, seu Padre!

PE. ROMEU – Deus te abençoe, minha filha! Mas tão cedinho da manhã, Rosa? Aconteceu algo?

SILVIA ROSA – Ouvi dizer, um zum zum zum danado, que tão planejando um assalto na igreja. Deus me livre!

PE. ROMEU – Creio em Deus pai, menina! Que Deus nos acuda! Quem teria coragem de uma atrocidade dessa?

SILVIA ROSA – Não sei, padre. Eu não entendi muito bem essa história!

Entra na Igreja Maria Valéria com um papel em mãos e acompanhada de seu pai, Seu Noel.

MARIA VALÉRIA – Bom dia! Mas nem tanto, essa aí (referindo-se à Silvia Rosa) já veio bater o ponto de santa da cidade?

SEU NOEL – Mas veja só, seu padre! Uma hora dessas, e Valéria já está dando coice como um cavalo batizado. Se Deus existisse, eu iria pedir pra me livrar de um encosto desse. Ô menina amuada essa!

PE. ROMEU – Que Deus me acuda de vocês dois! Você (para Maria Valéria) queira respeitar Silvia Rosa, e você (referido-se ao Seu Noel) queira respeitar o solo da casa de Deus!

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em outubro de 2019.
